

OS DESLOCADOS E OS DESLOCAMENTOS NA ESCUTA

Maria Bibas Vianna¹

Duas tribos de beduínos se cruzam em um oásis e a questão que se coloca é: “De onde vens, para onde vais, quem és?” Esta interrogação não concerne obviamente nenhum percurso espacial, e sim um itinerário pessoal, interior, que permite a cada um situar seu percurso individual em função do que lhe é transmitido.

Jacques Hassoun, *Contrabandistas da memória* (2023, p. 35)

“Eu me desloco”, enuncia um participante aos seus pares de grupo, cujo fio de ligação mais evidente é a experiência da estrangeiridade e do trânsito migratório.

O grupo (*setting*), denominado Grupo Acolhida², se configura como um espaço-tempo cuidadosamente disponibilizado para o encontro. É no lugar onde a potencialidade de pertencimento se afigura mais presente que a enunciação da incontornável e inquietante mobilidade constitutiva da experiência humana (não só humana) pode ser afirmada.

¹ Psicóloga Clínica e da Saúde (OPP). Membro Especialista em Psicoterapia Psicodinâmica da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica. Psicodramatista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama Psicanalítico de Grupo. Membro Candidata da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. *E-mail*: bibaspsi@gmail.com.

² O Grupo Acolhida: grupo de apoio e de ajuda mútua, aberto e de livre participação, constituído por encontros que acolhem trocas de experiências da vivência migratória, organizado e dinamizado pela Casa do Brasil de Lisboa desde 2012.

*“[...] amarradão na Torre dá para ir pro mundo inteiro
E onde quer que eu vá no mundo
Vejo a minha torre”³*

É o geno, o sentido de origem-autoctonia, que nos materializa para a liberdade da errância, entendida como experiência subjetiva, atravessada pela transgeracionalidade e também pelo trauma, potenciadora do reencontro do sujeito com a sua história e com o seu lugar.

Uma afirmação como essa — Eu me desloco, reflexão de um sujeito singular, de si para si próprio, através da fala e da escuta coletivas — parece ter um alcance epistemológico profundamente psicanalítico, quando conecta com “o princípio fronteiriço de desconstrução pelo deslocamento” e transita “de uma lógica territorial a uma dinâmica transterritorial” (Ayouch, 2025a, p. 395).

A hipermobilidade, referida como uma marca da nossa contemporaneidade, e que atravessa desde as dimensões do corpo singular ao corpo social, passando pela complexificação das dimensões do tempo e do espaço, traz para a psicanálise movimentações que colocam a centralidade da escuta e da fala psicanalíticas em conexão com territórios até então marginais ou considerados estrangeiros à Psicanálise.

Como nos lembra a psicanalista brasileira Isildinha Baptista (2026), em o *Mal-estar da civilização*, Freud “aponta para a dimensão trágica do encontro com a alteridade. O sofrimento psíquico advém do nosso corpo, do mundo externo e de nossos relacionamentos”⁴, sendo esses a nossa maior fonte de sofrimento. A psicanalista continua dizendo que “o outro, na sua dimensão de pessoa, é o inferno corporificado”. No entanto, “a constituição psíquica depende do encontro com o outro, a alteridade, de forma sempre traumática”.

Os viajantes da atualidade, trazendo novas configurações, convocam, em simultâneo, traumas coletivos que os conectam com viajantes de outrora, que, na fronteira dos territórios e das relações,

³ Gilberto Gil escreveu essa letra em 1976, quando se encontrava internado compulsoriamente em um estabelecimento manicomial da cidade de Florianópolis, por imposição da ditadura militar.

⁴ Citação do podcast *Letramento racial e formação do psicanalista*, disponível em <https://www.youtube.com/live/QXhpcPLuyn4?si=LfwDwdbv0UqsxAuJ>

reconheceram o outro como um obstáculo (“um inimigo do povo”⁵), mas também como fonte de riquezas e, por isso, passíveis de exploração.

“O Bangladesh não é aqui, mas parece!”⁶ — quantas fissuras podem ser trazidas a olho nu, por esse *slogan* político-partidário? Que ressonâncias chegam à escuta clínica?

Nessa senda, em um universo constituído por uma estrutura racializada e racista (*racizante*)⁷ e por novas formas de colonialismo, no qual nós, seres viajantes, transitamos, a distinção ontológica e histórica entre termos vulgarmente correntes, como nacionais, imigrantes, ex-pats, refugiados (políticos, de guerra e climáticos), exilados, nômades digitais, ilegais, estrangeiros, turistas, etc., é fundamental e profundamente pujante na clínica. Principalmente, quando essa se faz a partir de uma escuta que inclui as dimensões sociais como fonte contínua de sofrimento psíquico, e, portanto, de afetos e formações psíquicas que movimentam e são movimentados por esse caldeirão sem fundo que ferve⁸.

A acrescentar à essa miríade de viajantes-estrangeiros, Radmila Zygyouris (1999) transmuta a nomeação *excluídos* para “estrangeiros de dentro”, referindo-se aos humanos “sem” emprego, os “sem” domicílio” e também aos jovens-humanos periféricos (p. 119).

Uma geodemografia urbana que a psicanálise, como habitante da pólis, corrompe ao invisibilizar ou excluir do seu (trans) território. Assim, quando pensamos em viajantes, qual viajante nos atravessa?

Ilustrando a nossa perturbadora realidade social, uma sofisticada e fraudulenta publicidade de um aplicativo digital anuncia seu produto com a instigante chamada: “E se você vive no lugar errado? Todo mundo tem um mapa de nascimento que mostra onde as coisas fluem

⁵ Referência à peça *Um Inimigo do Povo*, a nova criação de Marco Martins, a partir de Henrik Ibsen, encenada para o CCB. Projeto de coprodução da rede Prospero New.

⁶ *Slogan* apresentado em cartazes e *flyers* pelo partido Chega, na Feira de Educação, Formação e Empregabilidade – Futurália, março de 2026.

⁷ Thamy Ayouch identifica: “A racização é uma racialização negativa e inferiorizadora. Enquanto a racialização diz respeito a todos/as, a racização atinge só às pessoas não-brancas” (Ayouch, 2025b, p. 19).

⁸ “Quem nunca viu vem ver, caldeirão sem fundo ferver.” Refrão de um popular conto cantado de Exu, nas religiões de matriz africana, candomblé e umbanda. Simboliza o poder da transformação, energia inesgotável e a magia para desmanchar demandas, referindo-se a um caldeirão mágico ou espiritual. Talvez o inconsciente.

melhor.” A App, baseada em “factos”, encontraria esse lugar — país, cidade —, onde tudo é “mais leve, mais claro e mais fácil”.

Na antípoda dessa superficialidade mercantil falsa e anestesiante, a emergência de dispositivos clínicos que se deslocam do *setting* clássico do consultório para um *setting* comunitário permite o encontro com uma escuta que acolhe as experiências migrantes. Espaço de reconhecimento do largo alcance de significações que essas trajetórias contêm, tanto na dimensão singular — intrapsíquica — quanto nas dimensões social, política e comunitária — intersíquicas. Revela-se, assim, um movimento transgressor, pois reconhecedor do sofrimento psíquico também como manifestação das disfuncionalidades da ordem social vigente que pulsam por transformação.

Em conversa com a psicoterapeuta nigeriana Abi Canepa-Anson, intitulada “Racism, the psyche and moving on”, o psicanalista inglês Adam Phillips comenta não existirem problemas individuais em essência, mas, sim, problemas grupais.⁹

Assim, se a contemporaneidade nos instiga com interrogações sobre quais fantasias, vínculos e constituições identitárias transitam pelas experiências de deslocamentos, não se trata tanto de encontrar respostas que expliquem o atual mal-estar da civilização, mas abrir espaço para a sua escuta. Através da escuta, sempre singular, construir as consequências no seu alcance mais profundo e abrangente.

A psicanálise constituiu uma relacionalidade que opera no ENTRE, no campo transferencial entre duas subjetividades em encontro e reconhecimento.

Adam Philips (2026) fala-nos de um encontro entre duas histórias transgeracionais: a da pessoa psicanalista e a da pessoa paciente. Verdadeiramente um encontro entre dois corpos viajantes.

Recentemente, escutei de uma pessoa-paciente, também imigrante, quando olhávamos para as mudanças no *setting*, diante viagens que atravessam ambas as vidas: “Conforta-me saber que você também tem vínculo com a sua terra e que vive esse vínculo na sua vida.”¹⁰

⁹ “There aren’t really individual problems. There are group problems” (Phillips, 2026).

¹⁰ A utilização dessa pequena situação clínica foi devidamente autorizada pela pessoa envolvida.

Como escreve Donna Haraway, no seu brilhante livro *Quando as espécies se encontram* (2024): “O encontro com o olhar do outro é a condição de se ter rosto” (p. 128)

REFERÊNCIAS

- Ayouch, T. (2025a). *Psicanálise interdisciplinar psicanálise indisciplinada*. INM Editora.
- Ayouch, T. (2025b). *A raça no divã*. Devires.
- Baptista, I. (2026, 28 fevereiro). *Letramento racial e formação do psicanalista* [Canal YouTube]. Corpo Freudiano Seção Teresópolis. <https://www.youtube.com/live/QXhpcPLuyn4?si=LfwDwdbv0UqsxAuJ>
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*. Ubu.
- Hassoun, J. (2023). *Os contrabandistas da memória*. Blucher.
- Phillips, A. (2026, 21 fevereiro). *Racism, the psyche and moving on* [Canal YouTube]. Abo Canepa-Anson. <https://youtu.be/i0WCK-2k2Sg?si=ALFp-EVnvV2CG8j0>